



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA JORNALISMO

JULIANA AMARAL SANTANA

DOCUMENTÁRIO

O que vamos comer hoje?

MACEIÓ - AL

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA JORNALISMO

JULIANA AMARAL SANTANA

DOCUMENTÁRIO

O que vamos comer hoje?

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me Alan Soares Bezerra

MACEIÓ - AL

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Lívia Silva dos Santos – CRB-4 – 1670

S232d Santana, Juliana Amaral.

Documentário: o que vamos comer hoje? /Juliana Amaral Santana. – 2021.
34 f. : il.

Orientador: Alan Soares Bezerra.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Curso de Jornalismo, Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 28-29

Apêndice: f. 30-34

1. Documentário – Comércio alimentício. 2. Pandemia covid-19. 3. Audiovisual.
4. Economia – Alagoas – Covid-19. I. Título.

CDU: 371.333:33(813.5)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Juliana Amaral Santana

Documentário o que vamos comer hoje?

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me Alan Soares Bezerra (Orientador)

Profa. Dra. Raquel do Monte Silva

Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto

À todas as vítimas da Covid-19, que morreram na esperança de dias melhores. Aos profissionais da saúde e de serviços essenciais que estão na linha de frente se expondo todos os dias para cumprir sua missão de vida. À minha família, que depositou em mim tantas fichas para que eu fosse motivo de orgulho e uma dos poucos a conquistar um diploma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a mim mesma por não ter desistido de todo o processo turbulento e longo que foi a minha graduação.

Agradeço a minha mãe Denise da Conceição Amaral, e ao meu pai Lamartine José Santos de Santana que, mesmo separados em minha adolescência, mantiveram seu amor e zelo por mim.

Agradeço a minha tia e madrinha Andreia por todo amor e incentivo à minha educação em meios às dificuldades financeiras que enfrentei na vida.

Agradeço às minhas irmãs Débora e Letícia por sempre me olharem com tanto carinho e orgulho a ponto de transparecer ainda que sem muitas palavras que eu jamais deveria titubear nesta caminhada.

Agradeço a Ingrid que, da faculdade, tornou-se uma grande irmã de alma que seguirá até o fim de nossas vidas.

Agradeço a minha melhor amiga, Tabatha, que em tantos anos de amizade virtual foi uma das pessoas que mais me disseram o quanto eu sou especial, inteligente e capaz de realizar todos os meus sonhos.

Agradeço aos meus amigos: Felipe, Danilo, Franklin, Luiz Filipe, Rhayller, Marta, Polly, Izaura e Juliana, que sempre acreditaram no meu trabalho, me impulsionando nesta produção.

Agradeço ao meu cunhado Luiggi, por ser muito sensível e ter se colocado à minha disposição para ajustes e colaboração neste trabalho.

Agradeço a Ufal os amigos que conquistei, pela oportunidade de conhecerem professores incríveis e admiráveis e pelas lindas experiências que colecionei em diferentes áreas dentro do campus.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Prof. Me. Alan Soares, que embarcou no meu projeto e confiou em mim para produzir esse filme diante de tantas dificuldades encontradas durante uma pandemia.

“Eu vou voar num desafio através do céu como uma fênix.
Então você poderá lembrá-los do sonho que eu carrego”.
(LADY GAGA, 2011).

RESUMO

“O que vamos comer hoje?” é um projeto midiático, em formato audiovisual, que mostra o cenário atual do comércio alimentício em Alagoas, especificamente na capital Maceió e na região metropolitana. O documentário foi gravado com empresários, funcionários e ex-funcionários de estabelecimentos que foram diretamente afetados pela pandemia que nos atingiu no início de 2020. O filme tem o objetivo de gerar empatia a quem assiste para tentar entender o que se passa dentro deste setor e por trás da vida de cada uma dessas pessoas. A produção foi realizada seguindo fielmente o roteiro a fim de ilustrar todo esse caso de baixa financeira na economia alagoana. O produto, gravado por um smartphone como componente principal e outros equipamentos complementares a depender das situações, traz edições simples e cortes marcantes entre as falas dos personagens que são unidos por um mesmo propósito: os efeitos da Covid-19 em Alagoas.

Palavras-chave: Audiovisual; Covid-19; Comércio alagoano; Documentário; Pandemia.

ABSTRACT

"What we will eat today?" is a media project, in audiovisual format, that shows the current scenario of the food trade in Alagoas, specifically in the capital Maceió and in the metropolitan region. The documentary was recorded with businessmen, employees and former employees of establishments who were directly affected by the pandemic that reached us in the beginning of 2020. The film aims to generate empathy for those who watch to try to understand what is going on within this sector and behind the lives of each of these people. The production was carried out faithfully following the script in order to illustrate this whole case of financial downturn in the economy of Alagoas. The product, recorded by a smartphone as the main component and other complementary equipment depending on the situations, brings simple edits and striking cuts between the speeches of the characters that are united for the same purpose: the effects of Covid-19 in Alagoas.

Key words: Audio-visual; Alagoas trade; Covid-19; Documentary; Pandemic.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	10
2. JUSTIFICATIVA	12
3 – OBJETIVOS	15
3.1 – GERAL:	15
3.2 – ESPECÍFICOS:	15
4 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
5 – PROCEDIMENTOS TÉCNICOS METODOLÓGICOS	18
5.1 – IDEIA E DESENVOLVIMENTO DO TEMA	18
5.2 – PRÉ-PRODUÇÃO E ROTEIRO	19
5.3 - CAPTAÇÃO	21
5.3.1- PRIMEIRO DIA DE FILMAGEM	21
5.3.2 – SEGUNDO DIA DE FILMAGEM	24
5.3.3 – TERCEIRO DIA DE FILMAGEM	25
5.4 – PÓS-PRODUÇÃO	25
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
7 – REFERÊNCIAS	28
8- APÊNDICE	30
8.1 ROTEIRO DO FILME	30

1 - INTRODUÇÃO

Até onde vai a classificação do que é ou não essencial? Até onde vai manter as pessoas em casa para não gerar aglomeração e com isso ocasionar umas das maiores crises econômicas de Alagoas? Em paralelo a isso, existe a maior problemática de todas: as quase 5 mil mortes no Estado ocasionadas pelo vírus¹. É nesse pique que se introduz a narrativa do filme. Demissão em massa, redução das jornadas de trabalhos e conseqüentemente dos salários foram os picos de reclamações por parte dos trabalhadores. Enquanto isso, os patrões também sinalizavam prejuízo, mas eram salvos por conta do serviço de *delivery* que permaneceu funcionando.

A solução para alguns alagoanos que não tinham renda fixa ou ficaram desempregados, foi montar o próprio negócio investindo na entrega a domicílio e começar com quase nada de variação no estoque. Outros preferiram trabalhar com o que tinham e enxugar o quadro de funcionários para deixar somente a família. Já os que não tinham sequer a condição de montar seu “comércio de sobrevivência”, o auxílio emergencial foi o ganha pão por esse tempo. Segundo Matta *et al.*, (2021) a desigualdade social anula as diretrizes básicas de higiene indicadas à população brasileira. É onde ele aponta que, por mais que o objetivo de cuidados simples de higiene sejam uma alternativa eficaz para o combate à Covid-19, muitas pessoas estão totalmente distantes dessa realidade e vivem sem acesso à água, saneamento básico e alimentação. Tal como a opção de ‘ficar em casa’ durante a pandemia não se aplica aos trabalhadores que não gozam do privilégio de abandonar suas rotinas para se verem em isolamento social até a pandemia se dissolver.

O retrato do documentário é suficiente para entender que a condição social dos envolvidos diz muito sobre o que cada um está passando.

1- <http://www.alagoascontraocoronavirus.al.gov.br/>. Acessado em: 23 de maio de 2021 às 14:48:14

Etnicamente falando, os negros, em maioria nessa produção foram os mais prejudicados com a baixa no setor alimentício. Ainda sobre questões étnicas dos personagens, os negros somam a maioria moradora da periferia. Matta *et al.*, (2021) reforça essa teoria ao sinalizar que, politicamente, a assistência social desanda entre os grupos mais vulneráveis.

Escolher esse ramo para tornar meu tema não foi difícil porque eu executo a atividade *social media* e alguns clientes já são desse segmento. Vê-los desesperados por não saber o dia de amanhã já me gerava uma sensação de impotência.

Em um emaranhado de preocupação com a saúde pública, as autoridades federais, estaduais e municipais são o principal alvo de críticas da classe justamente por não terem cuidado de forma eficaz nem da saúde e nem da economia. A pandemia, além de um problema de saúde mundial, também foi considerada uma abertura para que a corrupção tomasse mais força. A falta de assistência tinha nome e sobrenome.

O documentário promete individualizar cada dor sofrida por esses cidadãos que seguem de pé diariamente em busca da reviravolta que só a vacinação pode trazer. Ao mesmo tempo, essa produção audiovisual ansiou deixar explícita a ironia do quanto uma pandemia é capaz de permitir que uma classe que trabalha com comida, corra risco de morrer de fome.

2. JUSTIFICATIVA

Dentre vários temas que me surgiram à cabeça, a preocupação de pessoas ao meu redor e seus familiares que trabalham no setor alimentício da capital alagoana me deixou mais aflita. Eram muitos depoimentos, incertezas, apelos e abandono.

O documentário 'O que vamos comer hoje?' pretende mostrar a realidade do setor alimentício alagoano em plena pandemia. Com medidas de distanciamento social e decretos rígidos, trabalhadores e empresários sentiram na pele e no bolso o impacto de ver toda uma cadeia econômica desmoronar por conta do coronavírus.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, Alagoas teve taxa recorde de desemprego, alcançando 18,6%. Com esse número, o estado ocupou a segunda posição no país, atrás apenas da Bahia. Esse recorde de baixa nas carteiras dos alagoanos superou 30 mil.

Na capital, alvo principal da pesquisa e execução desse projeto, os bares, restaurantes e pequenos negócios, independentemente de seu fluxo financeiro, são considerados os mais prejudicados por conta da Covid-19. Por ser o setor que mais gera emprego junto ao turismo, tornou-se impossível não ver a classe se desesperar a cada evolução negativa da doença.

Para esta produção, o objetivo é contar com a participação de personagens reais que falam abertamente sobre a pandemia fazendo uma análise cronológica de como tudo aconteceu. Os convidados são trabalhadores que foram demitidos ou abalados durante a baixa no setor, empresários que têm suas versões a acrescentar e outros que foram responsáveis por demissões em seu quadro de funcionários.

A partir do nome desta obra, fica o questionamento para aqueles que hoje estão desempregados, sem apoio governamental e vulneráveis ao vírus: 'O que vamos comer hoje?'. O duplo sentido do título do documentário é também uma analogia a aqueles que, se não houvesse pandemia, estariam

frequentando os estabelecimentos e se perguntando qual seria seu pedido do cardápio.

Não há nada mais eficiente para documentar uma denúncia de negligência do que o audiovisual. Desde que me inseri nesse meio de comunicação através de estágio e atualmente na minha área de trabalho, percebi que o olhar das pessoas ganha significado a cada palavra detalhada no roteiro e reproduzida nas imagens.

Uma das definições do audiovisual que mais me toca de forma pessoal é o que Maria Carmem Silveira Barbosa afirmou: “É uma ferramenta de expansão e construção de história e de memória. Uma linguagem que surpreende, que cria enigmas e que convida a sair do lugar de espectador para que este se torne um investigador dessa linguagem” (BARBOSA, 2015).

Nunca é apenas apontar uma câmera para alguém. O propósito do documentário transita entre querer mostrar ao espectador tudo aquilo que você queria passar e satisfazer também os personagens para que eles se reconheçam naquela produção. Dentre todas as honrarias de ter um material consagrado, está na arte de agradar aos dois envolvidos direcionando o mesmo roteiro. "Não estamos diante de uma mera documentação, mas sim de um processo ativo de fabricação, não de objetos físicos, mas sim de valores e significados, conceitos e orientações para o ambiente que nos cerca" (PENAFRIA, 1999)

Desde a evolução completa do audiovisual protagonizada pelos irmãos Lumière, a noção múltipla de interpretação e oportunidades de “escolher um lado” é a maior virtude desse meio. Uma vez que antes vivíamos apenas o cinema mudo e as relações eram totalmente influenciadas pela informação que já transitava no mundo. Já a televisão, que também fez parte desse processo e sendo uma das minhas maiores inspirações, contribuiu ao amor ao audiovisual. Costumo denominar essa era de “todo mundo quer ver”.

Quando ‘bati o martelo’ em relação ao tema, toda a história do audiovisual me veio à cabeça, assim como as produções mais marcantes que eu já assisti, a exemplo, a minha maior inspiração, Edifício Master (2002). Esse

meio, o qual me encontro inserida hoje, é a forma mais verdadeira de dizer que estou satisfeita com a minha trajetória no curso de Jornalismo.

“O cinema e a produção audiovisual nos encontraram na escola antes mesmo que nós pensássemos em procurar por eles” (Mendonça, 2018).

Foi dentro do trabalho de Eduardo Coutinho, meu grande ídolo na esfera do audiovisual, especificamente o documentário, vi a oportunidade de usar a minha facilidade em lidar com o público, questioná-lo e me inserir na vida deles de forma natural. Nas entrevistas, percebi que fazer o personagem se sentir seguro ao contar detalhes de sua vida pessoal é o que aumenta o brilho no olhar e faz a produção acontecer. Era assim que Coutinho regia as suas obras que tanto me inspiram.

3 – OBJETIVOS

3.1 – Geral:

Produzir o documentário “O que vamos comer hoje?”, relatando a visão de empresários e funcionários que fazem parte do comércio alimentício alagoano para destacar os maiores impactos da pandemia em suas vidas social e financeira.

3.2 – Específicos:

- Mostrar de forma documental e antropológica o impacto da pandemia no setor econômico, em específico, no ramo alimentício.
- Exibir o que se passou na vida das pessoas que tiveram seu emprego e negócio diretamente prejudicados pelo fechamento, redução de horário e baixa procura em pedidos de alimentos.
- Explicitar que embora os empresários e colaboradores tenham sofrido este impacto econômico, eles também se importam com as vítimas e os infectados.

4 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com o comitê de informação 'Alagoas contra o coronavírus', criado pelo Governo de Alagoas em seu site oficial, já são 188.062 casos confirmados, 15.360 casos suspeitos, 179.304 pessoas recuperadas e 4.589 mortes².

Até maio de 2021, segundo o mesmo portal, foram empenhados R\$428.188.058,01 para o combate à Covid-19. Desse valor, R\$361.570.179,39 já passaram pelos boletins de faturamento investidos diretamente contra a doença. Em pouco mais de um ano de pandemia, foram 3 decretos anunciados pelo governador Renan Filho sinalizando a fase vermelha, considerada a pior. Em contrapartida a esses números alarmantes, Alagoas soma 869.022 pessoas vacinadas³.

Para classificar essas etapas no decorrer de cada decreto governamental ficou definido que seriam cinco fases: vermelha: originalmente, era fechamento total (exceto serviços essenciais), mas o governo flexibilizou várias regras; laranja: reabertura de alguns segmentos, mas com capacidade reduzida; amarela: permissão a novos segmentos, com ampliação da capacidade dos que já estavam permitidos na fase anterior; azul: permissão a novos segmentos, com ampliação da capacidade dos que já estavam permitidos na fase anterior; e verde: capacidade total de funcionamento.

Foi baseado nessas regras que o comércio alimentício começou a sofrer suas primeiras pancadas: o abre e fecha, a falta de fluxo econômico seguro para manter o quadro de funcionários e a alta nos preços dos alimentos começou a desestabilizar o setor.

O aspecto psicológico entra na pauta como um dos mais preocupantes para lidar. Um levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV) feito em 2020

2 - <http://www.alagoascontraocoronavirus.al.gov.br/>. Acessado em: 22 de mai. 2021

3 - <http://transparencia.al.gov.br/despesa/despesas-com-covid19/>. Acessado em: 22 de mai. 2021

aponta que 27 milhões de pessoas, o equivalente a 12,8% da população brasileira não tem acesso a acompanhamento psicológico (CAMILLE COUTO,

2 - <http://www.alagoascontraocoronavirus.al.gov.br/>. Acessado em: 22 de mai. 2021

3 - <http://transparencia.al.gov.br/despesa/despesas-com-covid19/>. Acessado em: 22 de mai. 2021

2021). A pesquisa revela ainda que a maioria das famílias tentam sobreviver com o valor de R\$246,00 mensalmente. Ou seja, esse público sofre uma potencialização do efeito da pandemia em suas vidas por não terem condições sequer psicológicas de lidar com as consequências dessa baixa financeira.

A pandemia, por se tratar de um grande problema de saúde pública mundial, não é algo que se espera de uma hora pra outra, simplesmente acontece. A caminhada pela vacinação que nessa década foi produzida e aprovada em tempo recorde foi uma das soluções mais subestimadas pelo público. Entretanto, a onda de negacionismo que ocupou muitas nações, principalmente o Brasil, se torna a grande responsável pela expansão do vírus, assim como a demora do Governo Federal em agir pela compra de vacinas e aplicação das mesmas.

Dada a resposta inadequada do governo brasileiro à questão sanitária, os efeitos da pandemia estão sendo devastadores. A previsão de queda do PIB per capita em 2020 é de 6,5%, e no momento em que este artigo estava sendo escrito, 720 mil empresas já tinham desaparecido do país, 13 milhões de trabalhadores estavam desempregados, 5,7 milhões eram desalentados e 32 milhões estavam subempregados; ou seja, 52,8% da população economicamente ativa estavam marginalizados do mercado de trabalho. (SILBER, 2020).

Sobre a retomada da economia por parte do setor alimentício, várias teses podem ser levantadas. Há quem ache que a média de recuperação seja apenas daqui a alguns anos, mas alguns empresários já se movem positivamente uma vez que a flexibilização permite que eles voltem a se expor e retomem o processo de recontração de seus funcionários e negociações de insumos.

5 – PROCEDIMENTOS TÉCNICOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo será descrito todo o processo pelo qual o projeto passou, desde o surgimento de sua ideia, sua roteirização, passando pela filmagem e finalização.

5.1 – Ideia e Desenvolvimento do Tema

Para chegar até esse tema, eu avaliei as consequências que o vírus poderia me causar se eu escolhesse algo que fosse “pandemicamente” impossível. Tive, a princípio, duas ideias que eram do ramo esportivo, mas, com os decretos rígidos em cima de jogos e competições, ambos os projetos acabaram se tornando inviáveis.

Quando passei a olhar ao meu redor, vi que o meu próprio estado estava caindo em um limbo financeiro e social. Alagoas, um lugar no qual eu nem pensei que pudesse ser atingido por essa pandemia, começou a colecionar casos e mais casos de Covid-19 e conseqüentemente mortes. A partir de decretos, intervenções das autoridades locais e ameaças de *lockdown*, finalmente parei e analisei que o pior ainda estava por vir.

Não tive nenhuma influência direta para a escolha do tema e ele me veio naturalmente ao observar o grande número de relatos sobre desemprego e a preocupação de pais e mães de família do meu ciclo social. Basicamente eu só ouvia falar sobre um labirinto: morrer de Covid ou morrer de fome.

Faz um bom tempo que me interesso pelo audiovisual, e passei a me equipar de forma simples para gravar apenas pelo smartphone. Comecei a ganhar dinheiro nessa área e no decorrer desse investimento, percebi que um aparelho de celular era tão bom e eficiente quanto uma câmera fotográfica profissional. Comprei ainda mais produtos que pudessem melhorar a entrega do material que eu produzia nele. Já familiarizada com meus equipamentos e

confiante na entrega das minhas produções, me senti pronta para gravar o meu próprio documentário para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Depois da frustração com os temas esportivos por conta do enfrentamento da doença, pensei que a ideia de retratar mais um impacto negativo da pandemia no estado além das mortes seria de bom tom principalmente para amolecer um pouco a opinião radicalista seja daqueles que exigiam o lockdown imediato e dos que eram contra o fechamento do comércio.

Procurei o professor e hoje meu orientador Me. Alan Soares e fiz a proposta para que ele me conduzisse nesse desafio por ser um dos educadores que têm experiência com o estilo de produção escolhida por mim, neste caso, o audiovisual.

Alan foi muito solícito e aceitou imediatamente ser meu orientador já procurando saber mais sobre meu tema. Logo, ele deu alguns pitacos que fizeram a diferença à primeira instância.

Por conta da pandemia, ficamos apenas em contato virtual, mas foi o suficiente pra me manter focada e determinada a apresentar um material de qualidade a fim de concluir o meu curso da melhor forma possível.

Com roteiro e tema aprovados por Alan, comecei a organizar rapidamente meu cronograma de contatos e marcações de entrevistas com os meus personagens. Enquanto isso, meu orientador ficava por dentro das escolhas e das fases as quais eu iria avançando nessa produção. Foi assim até o último dia de gravação e envio do meu relatório para revisão e correção por parte do meu orientador.

5.2 – Pré-Produção e Roteiro

O roteiro saiu basicamente pronto da minha cabeça porque documentários com entrevistas sempre foram dos estilos que me interessavam, consequentemente, desejei fazer um para o TCC.

Na escolha dos personagens, usei indicações de amigos e também a proximidade que eu já tinha com o Henrique, um dos empresários que participaram desse material. Quanto aos funcionários, eu iniciei uma pesquisa de quem tinha interesse em participar e se expor. A maioria dos que eu entrei em contato primeiramente não quiseram participar porque tiveram medo de acabar falando algo que não pudesse ser veiculado mesmo com a ferramenta de corte e edição oferecida por mim. Respeitando os “nãos” que recebi, atentei-me a esse grupo de trabalhadores que se mostraram interessados em participar.

Como o local das gravações foram o ambiente de trabalho dos mesmos ou as suas próprias residências, não tive problemas com a locação. Tudo foi feito de forma autorizada e eu apenas me desloquei com os meus equipamentos (celular, mini leds, microfone específico para iPhone com *deadcat*, gimbal e o suporte para gimbal e led).

O filme foi gravado em três dias seguidos e editado em quatro dias seguidos. Aproveitei o tempo extra que tive entre a marcação das entrevistas e o tempo de pesquisar para me aprofundar em dados que pudessem despertar novas opiniões nos personagens escolhidos.

Os personagens convidados para fazer parte do filme foram:

- Henrique Amorim, sócio proprietário do restaurante Santo Burger
- Ruane Thaís, proprietária da Panificação Lunar
- Rosilda Laurindo, funcionária do restaurante Santo Burger
- Ruan Silva, funcionário demitido e agora readmitido do Santo Burger

PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA COM OS ENVOLVIDOS:

- Como estava a sua vida antes da pandemia?
- O que te aconteceu no início da pandemia?
- Como você lidou com o crescimento de casos e mortes por Covid-19?

Houve alguma perda próxima a você?

- Como você lidou com a decisão de demitir/com a sensação de ser demitido?
- Qual a sua situação hoje?
- O que você espera para o futuro?

Para captar as imagens dessas pessoas, utilizei o método de entrevista semiestruturada. Repeti as mesmas perguntas para todos fazendo apenas pequenos ajustes e levando o bate-papo para o lado pessoal dependendo da informação que eu somava junto ao fator de empolgação de quem se sentia confortável de compartilhar.

5.3 - Captação

5.3.1- Primeiro dia de filmagem

Para o primeiro dia de gravação, escolhi o personagem Henrique Amorim. No dia 09 de maio de 2021, saí de casa e me dirigi até o restaurante Santo Burger em um carro de aplicativo e cheguei lá às 15:18 para o encontro que estava marcado para às 15:45. Nesse tempo de folga, montei os equipamentos para essa etapa: projetor, celular e bastão de luz direcional.

Henrique chegou às 15:30 e repassamos juntos o roteiro assim como as perguntas de forma mais óbvia para que ele programasse sua linha de pensamento.

Fig. – Celular iPhone **documentário**



Foto: Juliana Amaral Santana (2021)

Fig. – Gim **filmagens**



Foto: Juliana Amaral Santana (2021)

Fig. – Suporte Osmo para o gimbal e mini leds utilizado nas filmagens



Foto: Juliana Amaral Santana (2021)

Fig. – Microfone Boya com boya nas filmagens



Foto: Juliana Amaral Santana (2021)

Fig. jens



Fonte: Juliana Amaral Santana (2021)

Encerramos as filmagens das perguntas às 17:12 e então passei pelo estabelecimento para colher imagens de apoio. Ainda neste período, fiz uns registros do empresário na porta do seu negócio. Desmontei os equipamentos e fui embora às 18:03.

5.3.2 – Segundo dia de Filmagem

No segundo dia de filmagem, eu deixei exclusivamente para papear com funcionários do mesmo estabelecimento, o Santo Burger, justamente por eles estarem dividindo as angústias, mas em situações diferentes. Rosi, que está na casa há alguns anos e não foi demitida, apenas conduzida a tirar férias, foi a primeira a falar. Cheguei às 15:31 e conversamos dentro do próprio estabelecimento que se preparava para iniciar suas atividades naquele dia. O foco principal no diálogo com Rose foi mostrar o medo que ela sentiu da demissão. Enquanto o papo com Ruan, que se iniciou às 16:20, percorreu um caminho mais triste quando ele citou o momento de sua demissão. A conversa terminou às 17:14 e eu fui para casa com o material compilado de dois personagens no mesmo dia.

5.3.3 – Terceiro dia de Filmagem

O terceiro e último dia de filmagem foi com a microempreendedora que possui uma padaria nos condomínios na intitulada Nova Satuba, conjunto com pouco mais de 5 anos que tem um agregado de residenciais. Lá, diante da alta demanda de moradores, algumas pessoas transformaram seus imóveis em estabelecimentos para suprir as necessidades dos vizinhos e passaram a assumir o próprio negócio. Foi o caso da Ruane Thaís, dona da Panificação Lunar.

5.4 – Pós-produção

Dada a conclusão das gravações, dei início a decupagem do material e a pré-montagem, separando logo as imagens de apoio para encaixar no contexto de oratória dos entrevistados. Segui essa linha de ligar os pontos até finalizar a produção do documentário de acordo com as especificações do roteiro.

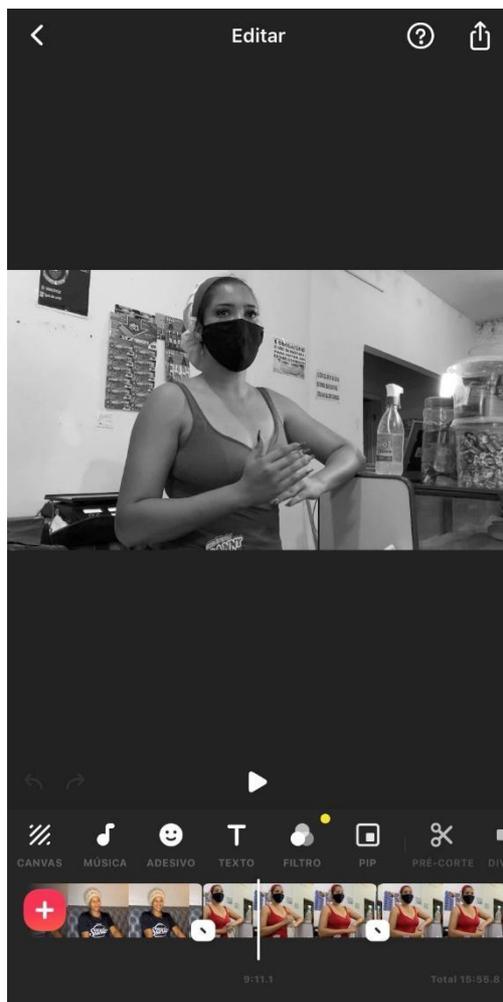
A agilidade na edição no celular já era uma coisa que eu possuía por estar trabalhando nessa área, então não enfrentei problemas com os prazos, apenas segui meu fluxo comum de revisão, edição e montagem.

O aplicativo utilizado na edição e colorização do documentário foi o Inshot.

Para editar esse material, utilizei as ferramentas de divisão para atenuar os cortes. Já sobre as transições, optei por usar apenas uma sutil desaparecimento em alguns momentos, enquanto em outros, deixei o corte natural entre um depoimento e outro. Na colorização do documentário, fiz questão de fazê-la toda na escala de cinza. Além de trazer de imediato um apelo emocional pela ausência de cores, foi o filtro perfeito para uniformizar as cenas e deixá-las dramáticas, assim como o tema do TCC. Com essa mesma linha de pensamento, decidi inserir duas músicas para compor a produção: *Yo-Yo Ma - Bach: Cello Suite No 1 in G Major* para ilustrar o momento sensível em que os personagens se encontraram durante a entrevista, e o funk *Vacinabutantan Remix – Mc Fioti*, para os créditos fazendo apologia à eficiência da vacina contra o coronavírus. Ainda sobre o funk, associei a batida alegre que comanda o hit ao novo horizonte que os cidadãos brasileiros

enxergam com o início e eficácia da vacinação. A trilha final funciona como o olhar de espera que precisam assumir ao finalizar um documentário que narra tristes histórias, mas que terminam com olhares felizes e ansiosos.

Fig. – Aplicativo Inshot utilizado na edição do documentário.



Fonte: Juliana Amaral Santana (2021)

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer esse produto em forma de audiovisual foi um divisor de águas na conclusão da minha graduação. O apelo emotivo pelas imagens e por tudo que um olhar pode passar através de registros documentaristas segue sendo uma das minhas maiores motivações para continuar querendo produzir filmes que causem impactos imediatos. Onde tem história, tem imagem. E onde tem imagem, tem comunicação.

Após a imersão neste documentário, podemos concluir que a pandemia, assim como seu significado em dicionário, de fato causa um grande efeito no mundo inteiro. É uma explosão de fatos, sentimentos e consequências vividas ao mesmo tempo em inúmeras nações. Trata-se de um vírus que não escolhe classe social, etnia, gênero e tampouco orientação sexual. Todos estão expostos e correm riscos. Aos que possuem comorbidades, ele é ainda maior.

Somos apenas um ponto minúsculo na situação em que o planeta terra se encontra. Entretanto, foram 4.478 mortos no estado no dado divulgado pela Secretaria de Saúde de Alagoas (SESAU-AL) até o dia 15 de maio de 2021, data em que eu concluí essa pesquisa.

Nesses 16 minutos de filme, é possível perceber o quanto a Covid-19 impactou na vida desses alagoanos. Independente da condição de 'patrão ou empregado', ambos são expostos ao vírus de diferentes maneiras, assim como também sofreram o impacto financeiro a cada decreto lançado.

Ao finalizar os cortes e edição do documentário, optei em permanecer com a ideia de colorizar de forma preto e branco para apelar por uma linha mais equilibrada entre as imagens e potencializar o drama da história contada. Como os cortes não foram de grande complexidade e priorizaram apenas a objetividade, o filme se enquadra bem na ideia que tive enquanto escrevia o roteiro.

Esta produção tornou-se um grito de socorro e ao mesmo tempo, um olhar de esperança. Conhecendo casos como esses e praticando a empatia, é possível entender que a baixa no setor alimentício alagoano tem deixado várias

famílias em situação de vulnerabilidade. O descaso dos governantes também citados pelos personagens em seus depoimentos reflete que o isolamento social mal planejado e logo depois a flexibilização sem fiscalização correta só potencializou a baixa para esse ramo. Alguns pagaram o pato junto às vítimas fatais do *coronavírus* e esses trabalhadores foram uns deles.

Com a incerteza de um futuro melhor, mas no anseio da vitória na batalha contra a Covid-19, o filme traz o que há de mais sincero no que diz respeito às mágoas e infelicidades vividas por esses convidados. Pé no chão, queixo levantado e esperança na ciência também são lemas que eles compartilham em conjunto por estarem esperando que a vacina venha a restaurar o comércio e resgatar a estabilidade que o setor alimentício tanto quer de volta.

7 – REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Alfabetização Audiovisual: um conceito em processo. in BARBOSA & SANTOS (Orgs.). Escritos da Alfabetização Audiovisual. Porto Alegre, Libretos, 2014.

CAMILLE COUTO. População abaixo da linha da pobreza triplica e atinge 27 milhões de brasileiros. **CNN - BRASIL**, 8 Apr. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/04/08/populacao-abaixo-da-linha-da-pobreza-triplica-e-atinge-27-milhoes-de-brasileiros>>. Acesso em: 19 de maio de 2021.

MATTA, G. C. *et al.* **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. 23. ed. Rio de Janeiro - RJ: Série Informação para ação na Covid-19 | Fiocruz, 2021.

MENDONÇA, N. L. **DICIONÁRIO AUDIOVISUAL DE CONCEITOS: Aventuras da Experiência e da Sensibilidade Imagética nas Aulas de História**. 2018. Dissertação Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife-PE, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430966/1/Disserta%C3%A7%C>

3%A3o%20Nat%C3%A1lia%20Lima%20de%20Mendon%C3%A7a.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.

PENAFRIA, M. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo**. Covilhã - Portugal : [s.n.], 1999. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>.

SILBER, S. D. A fragilidade econômica e financeira na pandemia do Sars-Covid-19. **Estudos Avançados**, 1 Jan. 2020. v. 34, n. 100, p. 107–115.

8- APÊNDICE

8.1 Roteiro do Filme



o que vamos comer hoje?

ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM

O documentário mostrará uma narrativa dividida em até oito blocos, que serão desenvolvidos através das mesmas perguntas feitas aos personagens a fim de garantir um apanhado do que cada um vivia e passou a viver com o início da pandemia.

Ambientado nos estabelecimentos dos empresários convidados e preferencialmente na casa de alguns funcionários demitidos, o documentário será feito com a colorização preto e branco e com o uso de um projetor de LED para ilustrar imagens do cenário que encontramos em Maceió com a presença do coronavírus. Além disso, mensagens de conscientização também aparecerão em alguns momentos na tela durante as falas dos personagens.

ROTEIRO

o que vamos comer hoje?

Primeiro bloco: Como sua vida estava antes da pandemia?

Os personagens deverão estar sentados e se expressando a partir dessa pergunta. Sem imagens de apoio no fundo, o objetivo do primeiro bloco é enfatizar como eles viviam bem antes de serem atormentados por esse fenômeno.

Segundo bloco: O que aconteceu no início da pandemia?

Os personagens deverão estar sentados e se expressando a partir dessa pergunta. A fala deles será alternada com imagens de apoio do local o qual administra ou trabalho junto a imagens de arquivos para os que fornecerem.

Terceiro bloco: Como vocês lidou com o crescimento de casos e mortes por Covid-19? Houve alguma perda próxima a você?

Os personagens deverão estar sentados e se expressando a partir dessa pergunta. A fala deles será alternada com imagens de apoio de números sendo calculados para fazer alusão aos casos e também às mortes. Caso haja perda de ente queridos e o personagem quiser compartilhar alguma imagem, será usada junto a seu momento de emoção.

Quarto bloco: Qual o apoio que você gostaria de ter recebido?

Os personagens deverão estar sentados e se expressando a partir dessa pergunta. A fala deles será alternada com imagens de apoio de faturas e outras contas que eles estejam devendo ou já pagaram com dificuldades durante a pandemia.

ROTEIRO

o que vamos comer hoje?

Quinto bloco: Como você lidou com a decisão de demitir/com a sensação de ser demitido?

Os personagens deverão estar sentados e se expressando a partir dessa pergunta. A fala deles será alternada com imagens de apoio algumas calculadoras sendo usadas como exemplo e, no caso de trabalhadores, as imagens de sua Carteira de Trabalho ou de seu aplicativo na versão digital.

Sexto bloco: Qual a sua situação hoje?

Os personagens deverão estar sentados e se expressando a partir dessa pergunta. Por ser uma pergunta pessoal, será deixado livre o momento de expressão para cada personagem falar sobre sua vida pessoal e profissional.

Sétimo bloco: O que você espera para o futuro?

Os personagens deverão estar sentados e se expressando a partir dessa pergunta. Esse é o momento ideal para subir um pouco a áurea dos personagens e tentar arrancar deles alguma perspectiva para o futuro. Nesse bloco, eles devem contar como sonham com a vida a pequeno, médio e longo prazo mesmo sabemos que ainda vivemos em uma pandemia.

FICHA TÉCNICA

o que vamos comer hoje?

Roteiro e direção:

Juliana Amaral

Câmera principal:

Juliana Amaral

Montagem e colorização:

Juliana Amaral

Direção de fotografia:

Juliana Amaral